# Caldas da Rainha e os refugiados da II Grande Guerra

“Judeus em Portugal durante a II Guerra Mundial” foi o livro de Irene Flunser Pimentel que foi apresentada a 7 de Julho, no Café Pópulos, em mais uma iniciativa da Livraria 107. João Serra apresentou esta obra onde há várias referências às Caldas da Rainha enquanto cidade de acolhimento de refugiados, na sua maioria judeus, que fugiam de Hitler e do Holocausto.

A perseguição aos judeus pelo regime de Hitler, durante a 2ª Guerra Mundial, originou grandes vagas de refugiados na Europa que ansiavam partir para os EUA, país onde poderiam prosseguir as suas vidas. Portugal era então encarado como a porta de saída para tal destino, através do Atlântico.

A passagem de milhares de refugiados pelo país nas décadas de 30 e 40, que fugiam do nazismo, deixaram marcas, em especial nas mentalidades das pessoas que viviam nos sítios onde Salazar lhes fixava residência.

**“Os refugiados fugiam de uma ditadura para uma outra, em Portugal, que não cultivava o anti-semitismo**”, disse o historiador João Serra que apresentou a obra, acrescentando que é a partir de 1940 que surge a corrida aos vistos por parte de cidadãos dos países neutrais. A esta insistente procura, Salazar, através da PVDE (entidade que antecede a Pide), **“impõe restrições crescentes”**.

João Serra salientou ainda o papel de Aristides Sousa Mendes, cônsul português em Bordéus, cuja acção, ao contrariar ordens do governo português, salvou milhares de refugiados. Entre Junho de 1940 e meados de 1941 entraram em Portugal mais de 50 mil refugiados, muitos deles com vistos deste Cônsul, mesmo desobedecendo às ordens do governo português.

Portugal aceitava apenas os refugiados em trânsito, isto é, Salazar só aceitava os refugiados que estavam de passagem pois **“não queria integrá-los na sociedade portuguesa**”, disse o historiador, explicando que não lhes era permitido que desenvolvessem as suas profissões. **“O Estado receava perturbações nos costumes e no mercado de trabalho de então**”.

Entre muitos anónimos, passou por Portugal gente destacada das ciências, das letras e das artes. No entanto, para o ditador português a questão dos refugiados era vista como **“um problema sério que não podemos deixar agravar**”, contou João Serra, que citou esta frase de Salazar.

A ***Gazeta das Caldas*** da época dá conta de vários temas relacionados com a estadia dos refugiados. Por exemplo, em 1940, representantes dos refugiados entregaram ao presidente da Câmara da época, Botelho Moniz, **“a quantia de 350$00 para ajudar as instituições de beneficência de então”**, contou o historiador, acrescentando que surgiam neste jornal também anúncios de várias senhoras que se disponibilizam para dar aulas de francês. Foi ainda recordado o famoso Papá Urso, que deu aulas de ginástica a toda a cidade, que tinha fama de espião tendo-se até constado que fora fuzilado. Mas, recentemente, na sequência de uma investigação da ***Gazeta das Caldas*** se tenha descoberto que este conseguiu ir para Inglaterra onde causou com uma inglesa que trabalhava nos serviços secretos.

João Serra terminou a apresentação contando a interessante história do casamento entre a refugiada Renée Libermann com o médico caldense, Luís Costa e Silva. Não era permitido aos refugiados casar nas cidades e, como tal, o casamento iria ser oficializado no cartório de Santa Catarina. Só que as estradas naquele tempo eram

péssimas e o pai do historiador, então funcionário daquele cartório, resolveu presentear os noivos e **“meteu-se ele ao caminho, acabando por casá-los na cidade termal”**.

**“Caldas e Ericeira ficaram na memória dos refugiados”**

Em Junho de 1940, Caldas da Rainha foi pela primeira vez designada zona de residência fixa de refugiados, que acolhia **“quem não tinha visto, quem vinha clandestino, ou que tinha visto dado por Aristides Sousa Mendes”**, revelou Irene Pimentel. Já em 1942 Caldas da Rainha recebeu sobretudo **“refugiados políticos ou pessoas que tinham os seus vistos caducados**”.

Segundo a investigadora, Caldas e Ericeira **“foram dois locais de residência fixa que ficaram na memória dos refugiados”**, tendo as próprias localidades sofrido um processo de emancipação social devido ao contacto com o espírito mais aberto dos estrangeiros.

Pelas Caldas passaram muitos refugiados, 90% dos quais judeus que conseguiram passar a fronteira portuguesa. Numa primeira fase **“ainda vieram de automóvel e traziam alguns bens**”, contou Irene Pimental, acrescentando que o objectivo final era, na maior parte das vezes, apanhar o navio com destino a outros continentes. Sendo as Caldas uma zona de residência fixa, **“as pessoas até viviam bem, melhor do que em Lisboa. O único senão era que não se podiam afastar mais de cinco quilómetros, sem uma autorização da PVDE”**, o que impedia, por exemplo, uma fácil deslocação à Foz do Arelho.

Os primeiros livros sobre a passagem dos refugiados por Portugal foram escritos por autores alemães até porque na época de Salazar e Caetano **“não era possível investigar tais temas”**, disse a investigadora do Instituto de História Contemporânea (Universidade Nova de Lisboa).

*Natacha Narciso*

http://www.gazetacaldas.com/Desenvol.asp?NID=14687